Brasil, Brasis
Ensino da Cultura brasileira e da Língua portuguesa

CÉLIA MARIA MORAES DIAS
Universidade de São Paulo
Brasil

IKUNORI SUNSA

Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto
Japão

RESUMO

O Brasil, com mais de 190 milhões de habitantes, é o maior país lusófono da atualidade. Embora se fale a língua portuguesa, em todo o território, esta recebeu muitas contribuições, visto sermos um país matizado, formado pela mistura de portugueses com negros e nativos. A partir do fim do século XIX, vieram milhares de imigrantes europeus, trazendo suas diferentes culturas, que passaram a compor sua população. No início do século XX, o Japão também começou a enviar imigrantes para o país. No fim da década de 1980, os assim chamados dekasseguis--japoneses de segunda, ou terceira geração, no Brasil--, fazem o caminho de volta ao país de origem de seus ancestrais. Esse movimento, que já completou 20 anos, aliado ao interesse crescente que despertam alguns aspectos de nossa cultura, como a música, o carnaval, a capoeira, o futebol e as novelas, tudo isso, somado ao desempenho econômico favorável do Brasil, na atualidade, apresenta características bastante particulares, no sentido do crescente interesse pela cultura brasileira e pelo aprendizado da língua portuguesa, particularmente no Japão. Assim, o artigo pretende discutir a experiência de ministrar aulas de português e cultura brasileira na Universidade de Estudos Estrangeiros, em Kyoto, além de apresentar alguns aspectos ligados às diferenças entre o PB (Português do Brasil) e o PE (Português Europeu) e aspectos relacionados aos diversos sotaques típicos regionais.

Palavras-chave: Português do Brasil, Dekasseguis, cultura Nanban, Cultura Brasileira, Experiências de ensino de língua portuguesa.

UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE O BRASIL

Em 1500, Pero Vaz de Caminha encontra os tupinambás da costa e, apesar de atraído pelas novas paisagens, odores, sabores e cores, mostra-se especialmente perturbado pelos novos povos, por seus hábitos, gostos, adornos e, acima de tudo, por seu comportamento.

A carta de Caminha traz a maioria dos elementos de caráter idílico que mais tarde irão ser desenvolvidos (formosura e fertilidade da terra, aspecto e afabilidade das gentes, novidade e estranheza dos costumes) que servirão para formar os estereótipos sobre o Brasil correntes até hoje.

TUPIS E GUARANIS, INFLUÊNCIAS ATÉ NOSSOS DIAS

Desde o descobrimento, até a época colonial, o Brasil era habitado por 1200 povos, falantes de cerca de mil línguas diferentes.

Hoje, estão reduzidas a por volta de 180 idiomas nativos, sendo que 110 deles correm o risco de extinção, visto não possuir nem 500 falantes.

Apesar do extermínio efetuado e da proibição do Marquês de Pombal, de se falar tupi no Brasil, ainda pode-se atribuir aos nossos indígenas, até hoje, influências em nossos traços de caráter, na culinária, arte, artesanato, mitos e folclore. No idioma, estão presentes em sufixos, muitos vocábulos e expressões e também na toponímia, em nomes de rios, cidades, estados e ruas, além da tecnologia referente à utilização e manejo do meio ambiente, na medicina popular e no uso das ervas medicinais.

CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA AFRO-NEGRA NO BRASIL

A colonização portuguesa, que não tinha tido muito sucesso na escravização dos índios, para conseguir seu intento de explorar melhor os recursos e fazer trabalhar os engenhos de açúcar e, depois, as fazendas de café, trouxe, durante 3 séculos, por volta de 4 milhões de africanos.

Bagno (out 2009) em artigo denominado: Brasileiro fala Banto? explica que as línguas que mais confluíram para a formação do português são da família Banto. São de famílias Banto a maioria dos escravos trazidos a partir do século XVII e que serão distribuídos por todo o território brasileiro. Pela antiguidade de sua presença se explica a grande quantidade de vocábulos plenamente integrados ao falar brasileiro do dia a dia e referentes aos diversos campos da vida humana.

Por trezentos anos, antes da Lei Áurea, de 1888, os negros trabalharam no Brasil como escravos, deixando marcas profundas em todos os campos da vida nacional. Deles ficou a antiga luta, a capoeira, hoje mais um esporte/jogo/dança característico do país.

A influência afro também se dá, até nossos dias, em uma série de traços de caráter do povo brasileiro, mas, aqui, para fins deste trabalho, cabe ressaltar sua contribuição para o idioma, com vocábulos, em diferentes áreas, como: alimentação, características físicas, comportamento, cumprimentos, lazer, objetos, termos de uso social, vestuário, sentimentos, religião, doenças e morte, e outras.

Também deles se herdou o uso intensivo do diminutivo, tanto no sentido denotativo, como com carga emocional variada e graus diferentes de expressividade, indicando desprezo, crítica, em sentido pejorativo, ou carinhoso.

Entre os mitos e lendas, agregaram-se aos mitos indígenas, da criação do mundo, do dia e da noite, do guaraná, da mandioca etc, o do Saci pererê-- lenda de sobreposição de índio com negro—e o do Negrinho do pastoreio- lenda do sul.

O samba, ritmo que surge no Brasil entre 1910 e 1920 e é reconhecido como nosso, pode ter vindo do semba, dança e ritmo de Angola.

O inconsciente coletivo nacional absorveu o conceito de preto velho- bom, amoroso, conselheiro, misturado com a ideia de cigana e do índio sábio. O preto velho e índio velho são guardiões dos segredos das plantas medicinais.

Também a mãe preta, a ama de leite do sinhozinho da época dos engenhos, pode-se dizer que foi uma figura importante para a fundação do caráter nacional.

Bagno (set 08) diz que, se tantos brasileiros pronunciam "djia" e "tchia" o que se escreve dia e tia é porque mamaram essas pronúncias junto com o leite das suas babás negras, junto com tantas coisas maravilhosas que os africanos nos legaram.

É interessante lembrar que nossa principal santa protetora, Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, também é negra.

BRASIS- IMIGRANTES, DIFERENTES ETNIAS E SOTAQUES

No Brasil, até o século XVIII, se falava a língua geral (derivada do tupi) Portugal, nesse século, resolve proibí-la e impôr o português.

No início do século XIX, a transferência da corte de D. João VI, de Portugal ao Brasil, dá um grande impulso à língua portuguesa, pois se inauguram bibliotecas, museus e escolas, bem como se inicia a publicação de jornais, antes proibidos.

De acordo com Gomes (2007), antes dessa data, no Brasil não havia uma só faculdade, D. João abriu a Escola Superior de Medicina e outras, a seguir. Nesse mesmo século XIX, a procura internacional crescente pelo grão e a fertilidade das terras permitiu a grande expansão dos cafezais no país, primeiro no Vale do Paraíba, entre o Rio de Janeiro e São Paulo, depois se espalhando por outras regiões do Brasil. Quando ocorre a abolição da escravatura, em 1888, como a necessidade de mão de obra ainda é grande, o governo começa a estimular a imigração européia, contendo ainda uma intenção subjacente, a do "branqueamento" da população.

Nessa época tudo se importava da Europa, alimentos, bebidas, instrumentos musicais, ferro, vidro, mármore etc. Era então, o brasileiro, mestiço, sonhando ser europeu, preferencialmente francês.

O início da linha férrea, em 1870, que trouxe para o Brasil estações inteirinhas--que vinham desmontadas, da Inglaterra--, trouxe também os imigrantes para trabalhar nas fazendas de café. Vieram espanhóis, alemães, mas, principalmente veio o italiano, da região norte do país, do Vêneto. Um conjunto de motivos os fez emigrar. Primeiro, a substituição do homem, no campo, pelos implementos mecanizados, depois a escassez de alimentos, que trazia a fome; muitos campesinos se alimentavam exclusivamente de polenta, um mingau feito de farinha de milho que, aquecido, apesar de matar momentaneamente a fome, pela existência de amido, causava a pelagra, uma doença devida à carência de vitaminas.

Estes aproveitam as campanhas do governo brasileiro e emigram em massa para o Brasil. São tantos, especialmente no sul e no estado de São Paulo que, no final do século, o escritor Monteiro

Lobato dizia que, ao caminhar pelas ruas da cidade, se ouvia uma nova língua, que ele denominou paulistaliano.

Hoje, a colônia italiana em São Paulo é tão numerosa, que representa a maior cidade italiana fora da Itália.

O país recebe ainda muitas outras etnias, mas em menor número de pessoas, sendo que o site do *São Paulo Convention Bureau* afirma que a cidade tem representação de elementos de 100 diferentes etnias, atualmente.

A EMIGRAÇÃO JAPONESA

Mas, o início do século XX traz uma nova imigração, que mudará, a feição de muitas cidades, especialmente de São Paulo, mas também do Paraná e do Amazonas.

Em 1908, se inaugura a emigração japonesa para o Brasil. Era o fim da era Meiji, o Japão iniciava a era moderna e precisava resolver seus problemas internos e escoar seu excedente populacional.

Nessa época, o Brasil continuava a precisar de mão de obra imigrante para as fazendas e, em 1902, a Itália havia proibido que seus cidadãos fossem recrutados e enviados ao Brasil. É então que, embora não condizentes com os ideais de construção da identidade brasileira na época, os "amarelos" se apresentam como alternativa para atender à demanda da lavoura cafeeira.

Sasaki (2006) comenta que, nesse período, discussões acaloradas associavam formulações sociológicas, de medicina social e políticas públicas na tentativa de explicar e resolver o atraso socioeconômico brasileiro, que era, no entender de muitos pensadores brasileiros e com influência estrangeira, atrelado à presença negra na população brasileira.

Esses imigrantes vieram especialmente da fria Hokkaido, mas também de Okinawa e, em menor número, de outras regiões do Japão.

O documentário Permanência, do nissei Helio Ishii, mostra, em uma emocionante entrevista, como era a vida de um imigrante, ainda daquela primeira leva, que veio de Himeji. No filme, ele diz que estudou apenas o curso primário, trabalhava duro, mas era chamado de "bebedor de água", pois era só o que as pessoas tinham. Seu primeiro trabalho foi numa estrada de ferro, onde tinha de fazer limpeza nos vagões de passageiros, com soda cáustica e água fria e, mesmo com chapéu, ficava todo sujo e molhado. Quando surgiu a propaganda para emigrar ao Brasil, ele considerou o tipo de futuro que poderia ter no Japão, pois, sem curso superior, nem poderia pensar em prestar um concurso. Decidiu e foi trabalhar numa fazenda de café.

A emigração japonesa continuou por muitos anos, muitos tiveram problemas de adaptação ao clima, à língua, aos costumes e à vida dura numa terra estranha e, assim como os italianos e os alemães, sofreram com as perseguições durante a Segunda Guerra Mundial, mas, os que não retornaram, após o conflito estabeleceram raízes no país, criaram até uma "língua", o coronia go, que lhes permitia comunicar-se com mais facilidade na colônia

e, hoje, estão em diversos setores da sociedade, especialmente no denominado "cinturão verde" da capital de São Paulo, onde cuidam de produtos hortifrutigranjeiros, mas também estão presentes em inúmeras atividades urbanas de diversas áreas, como de tecnologia, comércio, ciência e ensino.

Considerada a maior cidade japonesa fora do Japão, São Paulo tem, hoje, por volta de 300 000 descendentes e, em termos globais, o Brasil possui, segundo estimativas do último Censo de 2010, uma população de 1.500.000 descendentes de japoneses.

OS DEKASSEGUIS

Mas eis que o Brasil, que foi, por mais de um século, país receptor de imigrantes, dada a crise econômica da década de 1980, passa a ter um contingente de seus filhos dirigindo-se ao estrangeiro. O Japão, então próspero e em pleno desenvolvimento econômico e tecnológico, pode agora receber seus descendentes, para o trabalho em ocupações de baixa qualificação, especialmente no setor manufatureiro, em montadoras de veículos, construção civil e outras, empregos nos quais, a sociedade japonesa, afluente, podia escolher não trabalhar.

Se inicia, em finais da década de 1980, o movimento dekassegui (em japonês: 出稼ぎ). Esse vocábulo é formado pela união dos verbetes na língua japonesa 出る (**deru**, sair) e 稼ぐ (**kasegu**, para trabalhar, ganhar dinheiro trabalhando), tendo como significado literário "trabalhando distante de casa" e designando qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar temporariamente em outra região ou país.

O movimento foi crescendo continuamente, atingindo, de acordo com estimativas, por volta de 300 000 pessoas, distribuídas especialmente entre algumas cidades que passaram a contar com uma infraestrutura de apoio, escolas, lojas, mercados com produtos brasileiros, sinalização urbana em português etc.

A partir da crise econômica mundial, que se iniciou em 2008, o Japão, que sofreu fortemente esse impacto, começa a demitir funcionários, muitos deles dekasseguis e até a fechar empresa inteiras. O êxodo--movimento de retorno dos dekasseguis ao Brasil-- começa novamente e hoje dados a Embaixada do Brasil no Japão apontam que estejam no país por volta de uns 240 000 brasileiros ou nipo brasileiros.

No movimento pendular em relação ao Japão, enquanto este demite, o Brasil, em fase favorável de desenvolvimento, criou, em 2010, 1.500.000 empregos, caminhando para uma economia de pleno emprego.

Lula, lider trabalhista metalúrgico, antes de ser presidente por duas gestões, é uma figura carismática, tendo conseguido, estrategicamente, compor alianças econômicas e políticas com muitos dos governos de diversos países. Com seu jeito simples e afetivo, é encantador em seus contatos pessoais, tendo conquistado, para o Brasil, pouco antes do término de seu mandato, tanto a sede da Copa do Mundo de Futebol, para 2014, como as Olimpíadas, para 2016.

Embora o Brasil tenha ainda muitos problemas para resolver, o maior deles sendo a questão da desigualdade de renda--um dos responsáveis pela violência, especialmente nas áreas urbanas mais desenvolvidas--, vem enfrentando-os.

É importante realçar que, só o Programa Bolsa Escola, criado no último governo, que efetuou a transferência de renda de apenas R$ 200, 00 mensais, junto às famílias que levavam as crianças à escola, propiciou, a 21 milhões de pessoas, o acesso da pobreza à classe média, expandindo, também, no país, o consumo de muitos bens, incluindo-se automóveis, geladeiras e outros.

OS SOTAQUES, OS DIALETOS E A GÍRIA TÊM VARIANTES REGIONAIS

No outro lado do Atlântico, o PE (português europeu) virou PB (português brasileiro). Como disse Eça de Queiroz, "No Brasil, fala-se português com açúcar". Para Antônio Cândido (apud Origens de nosso idioma, 2008), a língua portuguesa não perdeu na América nada de "seu caráter grave, nem a têmpera máscula, nem o tom de funda melancolia". De quebra, ganhou suavidade e ternura, o "jeitinho brasileiro".

Acrescentamos à língua portuguesa nossas próprias inovações. Incluímos nela um pouco das línguas dos índios, introduzimos novas formas à gramática; as palavras herdadas dos escravos negros e, também, introduzimos os sotaques de imigrantes europeus e asiáticos.

TIPOS DE SOTAQUES- VARIAÇÃO GEOGRÁFICA

O site http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/pergunta_286073. shtml mostra exemplos de como se fala português, em alguns estados do Brasil:

Pernambuco

Uma herança da longa presença holandesa no Recife deixou a forte pronúncia do R, como nas línguas de origem germânica.

Bahia

O sotaque local reflete a variada mistura da miscigenação do seu povo, assimilando tanto o S assobiado de São Paulo e Minas Gerais quanto o R aspirado dos cariocas, aliado a um falar mais lento.

Rio de Janeiro

Muitos estudiosos afirmam que o S chiado (quase um X) dos cariocas nasceu com a transferência da família real portuguesa para a cidade em 1808. A chegada da corte não só provocou mudanças de costumes como influenciou a fala da população local, produzindo uma versão peculiar da pronúncia lisboeta.

São Paulo

Acredita-se que o R acentuado do interior de São Paulo tem origem no jeito de falar dos índios tupis, assimilado pelos bandeirantes. Essa pronúncia caipira ultrapassou as fronteiras do Estado e também se espalhou pelo sul de Minas e por Goiás. Na capital, a pronúncia tem muito do gesticular e do falar cantado do italiano.

Santa Catarina

No litoral, o sotaque cantado, mais forte até que o dos gaúchos, é influência direta da forte imigração de portugueses. Lá houve a chamada "imigração de casais" da Ilha dos Açores. No interior, algumas regiões de colonização alemã ainda falam e mantém os costumes similares à época da sua chegada, por volta de 1850.

Rio Grande do Sul

O gaúcho fala um português com mistura de espanhol e, em algumas regiões, mais rurais, o "talian", um dialeto italiano.

O JAPÃO E A CULTURA NANBAN

O Japão e o Brasil têm tido, historicamente, um movimento pendular, um em relação ao outro, ora um deles está bem e atrai os imigrantes do outro país que passa por dificuldades, ora ocorre o inverso.

Mas a história mostra mais pontos em comum, entre um e outro.

O século XVI foi época de grandes navegações e conseqüentes descobertas. Após a chegada ao Brasil, em 1500, os portugueses navegaram para o Japão. De acordo com Sato (2011), a história conta que um barco chinês de junco, que se dirigia para Liampo carregando três portugueses, sofreu uma violenta tempestade e foi parar na ilha de Tanegashima, ao sul do Japão. A data desse acontecimento é 23 de setembro de 1543, de acordo com Teppo-ki, a crônica da espingarda, escrita no Japão no início do século XVII. Teppo-ki narra a introdução da espingarda pelos três náufragos portugueses e descreve as observações do chinês que atuou como intérprete dos estrangeiros: "Estes homens bárbaros do sudeste são comerciantes. Compreendem até certo ponto a distinção entre superior e inferior, mas não sei se existe entre eles um sistema próprio de etiqueta. Bebem em copo sem o oferecerem aos outros; comem com os dedos, e não com pauzinhos como nós. Mostram os seus sentimentos sem nenhum rebuço. Não compreendem os caracteres escritos. São gente sem morada certa, que troca as coisas que possuem pelas que não têm, mas no fundo são gente que não faz mal".

O etnocentrismo estava de novo, como ocorreu com Caminha, presente nesse primeiro encontro. Os japoneses recebiam os ***nanban*** – bárbaros que vinham do sul –, com interesse, mas com superioridade, vendo seus costumes como estranhos.

Mas, a partir desse contato com os portugueses, passaram a conhecer diversos produtos e técnicas; enriqueceram a sua dieta alimentar; deixaram-se seduzir pelas roupas e armaduras ocidentais;

aprenderam novas línguas, como o português e o latim; passaram a conhecer e a usar o relógio, o vidro, os espelhos e a lã; conheceram um novo estilo urbanístico e importaram invenções revolucionárias como a espingarda e, com ela, o uso da pólvora e os óculos. (www.embaixada deportugal. jp/ centro-cultural/curiosidades/pt/).

Alguns autores citam a existência de mais de 4 000 palavras portuguesas na língua japonesa, durante o período em que foi permitida sua presença no país. Os religiosos, depois, foram expulsos, em 1587 e, em 1639, todos os portugueses foram proibidos de permanecer no país.

Carvalho explica essa expulsão citando Jacques Lacan (1977) e a fase do espelho. As culturas nacionais definem sua identidade a partir da definição do Outro. Chineses e coreanos eram o Outro próximo. Com a chegada do português ficou marcado o contraste da diferença e, na guerra pela unificação do Japão e na busca da consciência nacional, se buscou exorcizar o estrangeiro, que, ficava evidente, era um Outro. Nariz, olhos, pés e mãos grandes, roupas estranhas, peludos, cabeludos, de modos e hábitos muito diferentes. E, assim, o Japão, que sempre oscilou, em sua história, entre a total aceitação e a total rejeição da influência estrangeira, fica sem contato com os portugueses, por volta de 200 anos. Foi apenas durante a restauração Meiji, em 1860, que o Japão volta a restabelecer relações diplomáticas com Portugal.

Muitas das palavras de origem portuguesa tinham sido esquecidas e, apesar de algumas fontes indicarem por volta de umas 400 palavras, em uso, hoje, no Japão, em seu livro *"Impacte português sobre a civilização japonesa"*, Janeira (2011) aponta 70 das palavras mais frequentes.

Pode-se observar que a maior parte destas palavras refere-se a produtos e costumes que chegaram pela primeira vez ao Japão através dos comerciantes portugueses, ou seja, termos religiosos, palavras ligadas à navegação e, especialmente, ligadas às novidades no que diz respeito à alimentação, vestuário e objetos de uso no dia a dia pelos europeus de então.

EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E CULTURA BRASILEIRA NO JAPÃO

Conhecendo esse histórico dos japoneses no Brasil e da herança nanban, ao chegar ao Japão, como professora visitante, para ministrar aulas de língua portuguesa e cultura brasileira, tinha curiosidade e estranheza, ao pensar em como estimular os alunos para a conversação, em temas de aulas que pudessem fugir aos estereótipos de carnaval, mulata, biquini, futebol, Amazônia e bossa-nova.

A experiência demonstrou-se muito positiva, pois, apesar de, na maior parte dos casos, os alunos terem a expectativa que eu imaginava, houve muito interesse e curiosidade por outros aspectos ligados à nossa diversidade cultural.

Com minha formação na área de turismo e hospitalidade, passei

a orientar as aulas a partir das regiões do Brasil. Assim, tratamos de assuntos tão diversos como aspectos geográficos, etimologia dos nomes dos estados, fauna, flora, danças, festas, músicas, folclore e lendas, vestes e comidas típicas e demais curiosidades, como os diferentes sotaques regionais.

Exemplificando, quando se falou da Amazônia e da região centro oeste, o enfoque foi maior na matriz indígena, que deixou mais marcas na região. Ao estudar o nordeste, a influência da matriz afro recebeu maior ênfase, com seus aspectos como o candomblé, as comidas, capoeira, músicas, danças e cultos.

Sul e sudeste puderam ser mostrados em seu leque de influências de todas as partes da Europa e da Ásia, sua diversidade cultural, propiciando uma visão múltipla, de um país multirracial.

Outra das disciplinas abordou as diferentes culinárias do Brasil, mas também de Portugal e até de Macau. Em outra, se buscou enfatizar os aspectos comparativos e contrastivos entre Brasil e Japão.

Quanto aos trabalhos efetuados, foi feito também um concurso de provérbios, em que se comparava e fazia fotos que pudessem expressar o sentido geral dos provérbios mais utilizados no Japão e no Brasil.

Junto com mais dois professores, um japonês e um português, fizemos interessante trabalho, em parceria, para uso em aulas de *CALL*, que consistiu do preparo de pequenos diálogos, com a inserção de gestos auxiliares à comunicação verbal e, depois, sua gravação em vídeo. O trabalho, cuidadoso, mostrou gestos bastante diferentes, apontando a complexidade gestual entre essas três nacionalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização ou a mundialização estão alterando os parâmetros. Não se trata mais hoje de conceitos estanques como antes, definindo este, por exemplo, o Brasil, como país de terceiro mundo, ou "país do futuro" e este outro, o Japão, como uma nação monoétnica.

No caso específico, em pauta, o Japão, que se orgulhava de ser culturalmente homogêneo, convive hoje com um número crescente de pessoas miscigenadas. A revista Made in Japan, de 1999 coloca, em reportagem de capa, que nascem 10 brasileiros por dia, no Japão. A revista Mercado Latino (fev. 2011, ano 18, no. 167) aponta estatísticas que indicam que um de cada 30 bebês no Japão é filho de um casal onde ao menos um dos pais não é japonês e um em cada 18 casamentos é bicultural, chegando a um em cada 10 em Tokyo.

Nakandari (2011) comenta o Projeto Hafu (ou *Half*, em inglês, metade). Com pronúncia japonêsa, é a definição que se utiliza para distinguir e classificar todas as pessoas que vivem no Japão quando um dos pais é japonês e o outro é estrangeiro). Iniciado em 2008, ele realiza investigações sobre as diversas experiências de pessoas multiraciais.

Mas, talvez, mais do que ***Hafu***, essas pessoas sejam o dobro, pois, na verdade, têm as duas nacionalidades, são uma e são também a outra e podem, então, ser cidadãos do mundo e viver e estar bem em qualquer país. Existiria utopia mais adequada, numa época de tanta intolerância?

Em pesquisa junto aos alunos, pude verificar que, entre os principais objetivos que levam muitos japoneses a estudar o português, estão:

- Usar a língua portuguesa como instrumento de comunicação: quer para a simples comunicação com brasileiros e portugueses, quer para ingressar no mercado de trabalho (empresas japonesas no Brasil, por exemplo);
- ***Area studies*** sobre América Latina: ser um brasilianista ou latinoamericanista;
- Trabalhar como intérprete, no Japão, junto a empresas que têm clientes ou interesses no Brasil;
- Conseguir emprego público, como policial, ou junto a embaixada, ou até hospitais, para atender às demandas de brasileiros, dekasseguis, que não falam a língua japonesa.
- Ser professor, ou educador, alfabetizando ou lecionando português, para filhos de brasileiros, ou mesmo dando aulas para pessoas de terceira idade, interessadas em conhecer mais uma língua.
- Trabalhar como intérprete de times de futebol japoneses, que recebem jogadores brasileiros.
- Viajar para o Brasil e conhecer o país, podendo entender melhor a cultura, por entender a língua.
- Namorar com brasileiro/a.
- Ampliar os conhecimentos em humanidades, adquirir um diploma universitário e/ou conhecimentos intelectuais. Da mesma forma que nem todos os formados em Direito serão advogados, muitos estudantes formados pelo DELB realizam atividades profissionais sem qualquer relação com a língua portuguesa.
- Assim, vejo com muita alegria o interesse dos jovens, que antes tinham apenas vontade de um dia conhecer a Europa, hoje, com maior conhecimento, buscarem conhecer e viajar também a outros países, como África ou Brasil.

Segundo a Unesco, o idioma português é a sexta língua materna mais falada em todo o mundo. Está atrás do mandarim, hindi, espanhol, inglês e bengali. É língua oficial em 8 países, os PLOP, mas não tem presença homogênea na população de muitos deles, além de haver variantes dentro de cada um.

O Brasil, onde 99,9% da população fala português como língua materna, detém mais de 75% desse percentual de falantes e, assim, embora o ensino da língua escrita deva obedecer às regras e normas dos acordos ortográficos, nas aulas de conversação, merece um enfoque bem particular, onde se aponte suas nuances e variações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, D. *Nanbanjin: sobre os portugueses no Japão*. Antropológicas. no. 4, 2000. https://bdigital.ufp.pt/dspace/ bitstream/10284/1708/3/131-149.pdf

GOMES, L. *1808*. São Paulo, Planeta, 2007.

Língua Portuguesa- Origens de nosso idioma, Segmento, São Paulo, jun 2008

MADE in Japan. Plural, São Paulo, no. 21, ano 2, 1999.

MERCADO Latino. Ano 18, no. 167, Fev 2011.

NAKANDARI, C.Z. Hafu, the film. *Mercado Latino*, Fev 2011.

SASAKI, E. A imigração para o Japão. *Estudos Avançados*.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Armando Martins Janeira (http://japaonline.com.br/pt/page/8/, acesso em 10/2/2011)

https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1708/3/131-149.pdf (ac.10/2/2011)
www.embaixadadeportugal.jp/centro-cultural/curiosidades/pt/, acesso em 10/2/2011).

Francisco Noriyuki Sato (www.culturajaponesa.com.br, acesso em 10/2/2011)
htmhttp://mundoestranho.abril.com.br/cultura/pergunta_286073.shtm (acesso em 10/2/2011)

www.marcosbagno.com.br/conteudo/arquivos/art_carosamigos_out09.htm (acesso em 10/2/2011)

www.marcosbagno.com.br/conteudo/arquivos/art_carosamigos_set08.htm (acesso em 10/2/2011)

Permanência, documentário do cineasta nissei Helio Ishii. Brasil, s/d.